

# MAQUIAGEM CONTÁBIL

## Americanas reconhece fraude, culpa ex-diretores e implica auditores de balanço

VICTÓRIA ABEL,  
IVAN MARTÍNEZ-VARGAS  
E CÁSSIA ALMEIDA  
SOB O OLHO DA  
ENRAIA, SP/OLHEIRO

Cinco meses depois de surpreender o mercado com a revelação de "inconsistências contábeis" de R\$ 20 bilhões, a Americanas reconheceu ontem que a varejista foi alvo de fraude. Em relatório com base no trabalho de um comitê de investigação independente e reforçado por depoimento do CEO da empresa, Leonardo Coelho Pereira, na CPI da Americanas, ontem, a companhia afirmou que suas demonstrações financeiras foram fraudadas pela diretoria anterior. Ao expor o passo a passo de um dos maiores casos de rombo contábil já registrados no país, o executivo implicou também as auditorias KPMG e PwC, responsáveis pela análise dos balanços.

— Inicialmente demos tratamento de inconsistência contábil, mas agora temos elementos para dizer: ela se chama fraude — afirmou o executivo. — A fraude da Americanas é uma fraude de resultado.

Como antecipou o colunista do GLOBO Lauro Jardim, no depoimento, Coelho Pereira apresentou registros para mostrar que houve falsificação de documentos e de assinaturas. Segundo o executivo, há comprovação de fraudes desde 2016, e os balanços dos últimos cinco anos estão sendo refeitos.

O documento divulgado ao mercado indica a participação na fraude do ex-CEO Miguel Gutierrez, dos ex-diretores Anna Cristina Ramos Saicali, José Timótheo de Barros e Márcio Cruz Meirelles, e dos ex-executivos Fábio da Silva Abrate, Flávia Carneiro e Marcelo da Silva Nunes. Eles não trabalham mais na empresa.

**EXPECTATIVA E REALIDADE**  
O CEO da Americanas informou que demitiu nos últimos dias 30 funcionários que ainda atuavam na administração e que estavam envolvidos no esquema de fraude voltado para produzir artificialmente lucros contábeis e esconder o endividamento da empresa.



**Desdobramentos.** Leonardo Coelho Pereira, à direita, CEO da Americanas, presta depoimento na CPI. Representantes de bancos e auditorias serão chamados para depor

No relatório apresentado ao mercado, o texto afirma que houve esforço da diretoria anterior da Americanas em ocultar do Conselho de Administração e do mercado em geral a real situação da companhia, o que foi interpretado pelo mercado como um sinal de que os acionistas de referência da empresa, Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira, não estavam a par do esquema. Em outro trecho, o relatório menciona uma série de financiamentos contratados pela diretoria junto a instituições financeiras, "sem as devidas aprovações societárias".

— Os documentos que tenho hoje não mostram o envolvimento do Conselho. Mas as investigações continuam. Se houver indícios, vamos tomar as medidas cabíveis — afirmou Coelho Pereira na CPI, ao ser perguntado sobre a indicação do ex-CEO Miguel Gutierrez, que teve seu nome sugerido por Sicupira.

Coelho Pereira compartilhou documentos que corrob

boraram as fraudes descritas em relatório. Ele mostrou uma troca de e-mails entre antigos diretores com planilhas que exibem números diferentes de prejuízos e lucros apresentados aos funcionários internamente e para o Conselho de Administração. Na coluna "visão interna" por exemplo, aparecia prejuízo de R\$ 733 milhões. Na coluna com a nomenclatura "visão conselho", havia lucro de R\$ 2,8 bilhões.

### 'MORTE SÚBITA'

Como informou a colunista do GLOBO Malu Gaspar, outra troca de e-mail mostra que diretores da empresa comemoraram a aceitação, pelo Itaú, de uma carta com explicações sobre demonstrações financeiras que escondiam as maquiagens contábeis.

"Parabéns aos envolvidos", escreveu o diretor financeiro Fábio Abrate no dia 19 de setembro de 2017, após longa troca de mensagens que se discutiu o uso do termo "risco sacado" (uma operação com um varejo para financiar a ca-

deia de fornecedores, mas que está na origem de um dos mecanismos de fraude detectados na empresa) na carta que os bancos enviaram à auditoria da varejista com explicações sobre as operações financeiras que tinham com a empresa. Abrate comemorou o fato de o Itaú ter aceitado a nova redação da carta, que trocava "risco sacado" por "risco emitido", o que seria uma forma de suavizar as informações. Em outro trecho, o executivo citou o Santander em contexto similar.

Em nota, o Itaú afirma que a elaboração de demonstrações financeiras é responsabilidade exclusiva da companhia e de seus administradores. "É leviano atribuir a terceiros a responsabilidade pela fraude, confessada pela companhia ao mercado", informou.

Em nota, o Santander informou que a própria empresa ressalta os esforços da diretoria para ocultar do mercado a real situação do resultado e patrimonial da companhia. "Isso, por si só, comprova taxativamente que a única e exclusi-

va responsabilidade pelas 'inconsistências contábeis' é da Americanas, por intermédio da sua antiga diretoria", diz.

Coelho Pereira mostrou o que seria a falsificação de assinaturas em cartas de "risco sacado":

—O documento foi escaneado, a assinatura recortada e colocada em um documento falso — afirmou, exibindo mensagem do antigo diretor Timótheo de Barros.

O texto diz: "Não podemos mostrar para conselho e mercado nada acima de R\$ 3 bi. Será morte súbita".

### FALHA VIRA RECOMENDAÇÃO

Segundo Coelho Pereira, o conselho não tinha acesso aos números reais de dívidas da companhia, porque a comunicação só ocorre quando elas atingem 5% do faturamento. — Ao que tudo indica, ocorreram trocas entre a diretoria e a KPMG para amenizar as análises.

Segundo o executivo, a KPMG permitiu a alteração de cartas de controle sobre operações a pedido da antiga direto-



*"Inicialmente demos tratamento de inconsistência contábil, mas agora temos elementos para dizer: ela se chama fraude. A fraude da Americanas é uma fraude de resultado"*

*"O documento foi escaneado, a assinatura recortada e colocada em um documento falso"*

**Leonardo Coelho Pereira,** CEO da Americanas

ria. De acordo com Coelho Pereira, um relatório inicial da KPMG mostrava "deficiências significativas nos balanços da empresa" no início de 2017. O documento não foi divulgado por uma carta de recomendações que merecem atenção da administração, sem apontar as deficiências anteriores.

Em nota, a KPMG informou que, "por motivos de cláusulas de sigilo e regras da profissão, está impedida de se manifestar sobre casos envolvendo clientes ou ex-clientes da firma".

Coelho Pereira afirma que as auditorias receberam documentação fraudada. Mas, sobre "risco sacado", diz que a PwC teria feito sugestão de troca de redação, que precisaria ser mais bem entendida.

A PwC disse em nota que não comenta temas de clientes por questões de confidencialidade e regras de sigilo profissional. Após as revelações, os integrantes da CPI vão chamar auditores da PwC e da KPMG e representantes de bancos que financiavam a varejista para depor.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Economia **Página:** 13